



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LENI GOMES DA SILVA

MEMORIAL

**TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA À EDUCAÇÃO SUPERIOR NO
CURSO DE PEDAGOGIA E A EXPERIÊNCIA NO PACTO NACIONAL PELA
ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC)**

Belém/Pará
2019

LENI GOMES DA SILVA

**TRAGETÓRIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA À EDUCAÇÃO SUPERIOR NO
CURSO DE PEDAGOGIA E A EXPERIÊNCIA NO PACTO NACIONAL PELA
ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado com
requisito para obtenção de Grau de Licenciatura
Plena em Pedagogia, pela Universidade Federal do
Pará – Instituto de Ciências da Educação.

Orientadora: Prof. Dr.^a Maria Izabel Alves dos Reis

TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA À EDUCAÇÃO SUPERIOR NO CURSO DE PEDAGOGIA E A EXPERIÊNCIA NO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC)

RESUMO

Este Memorial é um Trabalho de Conclusão de Curso, e o relato da minha trajetória de formação da Educação Básica ao Ensino Superior e profissional, narrando a experiência no Programa a Alfabetização na Idade Certa/PNAIC. O objetivo foi analisar minha trajetória acadêmica e profissional. A metodologia utilizada, foi o memorial acadêmico que busca na memória o regate de um tempo de formação e de trabalho, subsidiado por uma bibliografia. Concluo que a vivência como estudante e professora, possibilitou-me ampliar os olhares sobre a formação inicial e continuada tanto minha, quanto dos professores que coordenei no PNAIC, me levando a compreender que minha trajetória acadêmica e profissional se complementaram na teoria e prática, que a experiência como coordenadora e formadora foi marcante na formação continuada dos professores, onde os desafios de uma educação com qualidade se fazem presente sempre.

Palavras-Chaves: Docência; Formação Docente; Formação Continuada; Formação Inicial; Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

ABSTRACT

This Memorial is a Course Conclusion Paper, and the account of my formation trajectory from Basic Education to Higher and Professional Education, narrating the experience in the Right Age Literacy Program / PNAIC. The objective was to analyze my academic and professional career. The methodology used was the academic memorial that seeks in memory the regatta of a time of formation and work, subsidized by a bibliography. I conclude that the experience as a student and teacher, allowed me to broaden the perspectives on the initial and continued formation. mine, as well as the teachers I coordinated at PNAIC, leading me to understand that my academic and professional career complemented each other in theory and practice, that the experience as coordinator and trainer was remarkable in the continuing education of teachers, where the challenges of a quality education are always present.

Keywords: Teaching; Teacher training; Continuing Education; Initial formation; National Pact for Literacy at the Right Age.

INTRODUÇÃO

Este memorial traz minha trajetória na Educação Básica, a graduação, a carreira no Magistério e a influência do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa). Escrever um Memorial Acadêmico foi uma experiência muito prazeroso. Este tipo documento traz como possibilidade o relato crítico e reflexivo de minha memória de trabalho e de formação. Nele situo os saberes, as vivências que marcaram significativamente minha formação. Segundo Severino (2017) que o memorial se constitui em:

Uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva, deve então ser composto sob forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e conhecimentos que constituíram a trajetória acadêmica-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido (SEVERINO, 2017, p.15).

O Memorial como um documento que para além, de resgatar a memória, permite dentro do campo de formação de professores, trazer à tona os saberes da prática, aqueles que podem e devem servir de conhecimento para aqueles que se dispõe a escuta e ao aprendizado, nesse ponto, concordo com Antônio Nóvoa quando o mesmo afirma que:

Os professores possuem um conhecimento vivido (prático), mas que é dificilmente transmissível a outrem. Ora, na medida em que, no campo educativo o saber não preexiste à palavra (dita ou escrita), os conhecimentos de que os professores são portadores tendem a ser desvalorizados do ponto de vista social e científico (1997, p.36).

Neste trabalho busco enfatizar como se deu o processo de escolarização nos meados dos anos 1980 até final de 1998 quando me formei no Magistério, a partir desse momento novos horizontes começam a aparecer, junto com a insegurança, falta de experiência de uma professora recém-formada, que buscou por vários caminhos respostas para seus medos de ministrar aula. Como “o tempo não para”, como nos diz a música de Cazuza e o mundo está em constantes transformações, fui atrás de novas perspectivas de ensino.

Da Faculdade, a atuação como professora e coordenadora nas escolas municipais de Marituba, a qual tive a oportunidade de participar do projeto do governo federal o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa/PNAIC, este memorial tem como objetivo analisar minha trajetória acadêmica e profissional no campo da Educação Básica e do Ensino Superior. Neste memorial, também pretendo mostrar a estrutura pedagógica da proposta do PNAIC e a importância deste programa para a minha formação e atuação, assim também fazer uma reflexão acerca das mudanças na minha concepção e prática pedagógica a partir desse programa.

1. Memórias de Formação

Chamo-me Leni Gomes da Silva, filha da senhora Antônia Gomes da Silva e Apolinário Guedes da Silva, sou a penúltima filha dos dez filhos deste casal que é o grande exemplo de vida e amor. Com sessenta anos de matrimônio meus pais são os meus maiores incentivadores e a minha força para percorrer o meu caminho e nele construí uma história de vida cheia de superação e vitórias.

Nasci em 09 de setembro de 1977, nas regiões das ilhas localizadas no município de Ananindeua - Pará, em uma ilha chamada Água Doce, era um lugar muito exuberante, cheio de natureza e calmaria, de gente simples e boa, que como a maioria dos que nasciam na beira do rio, eram esquecidos pelo Estado, sem saúde, sem educação ou qualquer assistência pública.

No ano em que nasci a educação passava por um momento de muitas reformas, sob a égide da lei 5692/1971, que norteava a educação primária e secundária, o ensino profissionalizando etc. também foi o ano de maior enfrentamento contra o autoritarismo da ditadura militar, ano em que os jovens lutaram e se articularam para reerguer a União Nacional dos Estudantes (UNE) que havia sido dissolvida em 68 pelos militares (GUIRALDELI 2000).

Sou filha de ribeirinhos, com pouca instrução de ensino, os quais tenho muito orgulho e admiração pela força e coragem que eles enfrentaram para nos dar uma vida digna e honrada. Nasci nas mãos de uma parteira, pois, o acesso aos hospitais era muito difícil, tínhamos que pegar uma canoa e remar por quase duas horas e caminhar por uma estrada de aproximadamente 4 Km até chegar ao hospital.

Viver nesse lugar era um desafio árduo para meus pais, pois, era de lá que extraíam os recursos para o nosso sustento, papai conta que trabalhava tirando barro para as olarias, cortava madeira, pescava e caçava para complementar nossa alimentação. Mamãe trabalhava no roçado, fazia farinha; como eram boas, para nós, crianças, ver mamãe torrando farinha, quando amassa estava perto de virar farinha mamãe tirava uma porção, fazia uma espécie de copo da folha do cupuaçuzeiro misturava com manteiga e dava para comermos, aquela mistura era maravilhosa.

Para além da vida que levávamos na ilha, a preocupação com nosso futuro fez com que meus pais decidissem migrar para a cidade, desejosos de que eu e meus irmãos tivéssemos acesso à educação que antes havia sido negada a nós, por conta da falta de escolas nas áreas rurais.

Mudamos para a cidade de Marituba-Pará em 1980, ainda no período de lutas contra a ditadura, cinco anos depois eu entraria na escola e oito anos depois a constituição que livra o Brasil da ditadura militar estaria sendo promulgada. No início, moramos em uma casa

emprestada, mas por pouco tempo, então, mudamos para casa da minha tia, irmã mais velha da mamãe, ela era uma pessoa muito generosa e boa de coração tinha uma alegria contagiante e como meus pais também não frequentou a escola.

Uma nova história começara a ser escrita, minha tia tinha um quintal enorme com muitas árvores frutífera e foi lá que passei a maior e melhor parte da minha infância, brincávamos de todos os tipos de brincadeiras que sabíamos pique esconde, pega-pega, casinha, fazia comida na lata de sardinha, pegava mantimentos na cozinha e levávamos para brincar. A noite nos reuníamos na frente de casa e passávamos horas ouvindo os adultos narrarem histórias, causos, piadas e as vezes até versos, as cantigas de roda não ficaram de fora desse baú de sabedoria e cultura.

Passado pouco tempo que residíamos em Marituba, meus irmãos ingressaram na escola, eu ainda não tinha idade para frequentar a escola, neste período a educação seguia a tendência pedagógica militar, tínhamos uma educação tecnicista, tradicional e com muita censura, nem o estado ou municípios forneciam atendimento de creches para crianças abaixo dos seis anos. Mas, o tempo passou rápido e chegou a hora de ir à escola, então, em 1985, com sete anos ingressei no primário, o nome da escola era Quilometro Dezoito, por se localizar próximo da rodovia Belém – Brasília. A ansiedade era enorme, afinal, mamãe sempre me dizia: “O teu estudo é o teu futuro, capricha se quiser ser alguém na vida”. Essas palavras marcaram toda minha vida, sempre que sinto que estou fraquejando lembro-me desse conselho.

Quando cheguei à escola estava toda tímida, não era muito de conversar e tinha muitas dificuldades de socializar com estranhos, era uma escola de porte pequeno, funcionava em três turnos: manhã, intermediário e a tarde, atendia os alunos da primeira série a quarta série primária. A escola adotava um sistema de classificação discriminatória para inserção dos seus alunos nas séries iniciais, distinguindo-os entre as séries fracas e fortes, ou seja, um sistema que rotulava seus alunos entre os que eles consideravam saber mais ou menos, eu fui direcionada para a série fraca.

A denominação de pertencer a uma classe “fraca” me marcou muito, não entendia o porquê e quando me perguntavam em qual série estava era constrangedor, principalmente quando a pergunta era específica: fraca ou forte. Isso me torturava, não queria ser vista como uma criança que não sabia nada, até porque havia um preconceito das demais crianças da escola, não via a hora de aprender a ler para passar para a série “forte”.

Minha primeira professora foi uma mulher muito gentil e carismática, tinha uma paciência imensa para me ensinar. No dia de leitura me chamava em sua mesa para eu fazer a leitura do alfabeto, me sentia feliz, pois, começara a aprender as primeiras letras. Gostava de observar ela passando o dever na lousa, com o tempo comecei a perceber a rotina da sala de aula, tudo se repetia! Fazíamos o cabeçalho, copiávamos o conteúdo da lousa, a

professora explicava e por fim fazíamos o exercício de fixação, não existia um trabalho didático interdisciplinar o mais próximo disso, mas, ainda assim raro, era quando a professora levava um desenho ou pintura as conversa e brincadeiras somente no intervalo.

Estudei até a quarta série na Escola Quilometro Dezoito, como a escola não ofertava o Primeiro Grau completo, precisei mudar de escola e nesse período minha família já havia conseguido comprar um terreno, construíram uma casa de dois cômodos. Eu já estava entrando na adolescência, meus pensamentos mudavam constantemente e os sonhos aumentavam a cada dificuldade, porque eu sentia vontade de superá-la, principalmente, por saber que precisa ajudar minha família de alguma forma.

Mas, no momento a única ajuda que tinha a oferecer era continuar meus estudos, percebi não podia desistir dos meus sonhos, então, prossegui certa de que meu futuro estava na educação. A nova escola se chamava Escola Estadual Fernando Ferrari, o ano era 1991, sai de uma escola municipal para uma escola estadual, foi tudo diferente e difícil, muitos professores e disciplinas novas, levei um tempo para me adaptar. Comecei a estudar no período da manhã para poder tomar conta de duas crianças a tarde, eu ganhava um dinheirinho que já dava para comprar minhas necessidades ou ao menos ajudar um pouco minha mãe.

Na sexta série, relaxei um pouco nos estudos e fiquei reprovada em matemática, é a disciplina que mais tive dificuldades em aprender, isso me preocupava muito, porque o curso que eu almejava exigia um bom desempenho nesta área. Já estava terminando a oitava série e ainda não havia decidido que caminho profissional seguir, o curso que realmente chamava minha atenção, a escola não oferecia, eu teria que ir para Belém, capital, se quisesse fazer CB (Ciências Biológicas), infelizmente não havia nenhuma possibilidade, o custo era alto e não tínhamos condições para isso. Contudo, mantive o foco no meu objetivo de terminar meus estudos, pois, o que ouvia era que: o auge da vida adulta era receber o diploma do 2º Grau, isso porque havia uma disseminação forte do pensamento tecnicista na educação, ainda eram vestígios da ditadura como Aranha coloca:

No Brasil, a tendência tecnicista foi introduzida no período da ditadura militar, nas décadas de 1960 e 1970, e prejudicou sobre tudo as escolas públicas [...] uma das consequências funestas foi a excessiva burocratização do ensino, porque, para o controle das atividades, havia inúmeras exigências [...] Evidentemente, essa tendência ignorava que o processo pedagógico tem sua própria especificidade e jamais permite a rígida separação entre concepção e execução do trabalho (ARANHA. 2006, p.315).

A Escola Fernando Ferrari era uma escola de cunho tecnica, para nós, alunos, isso era o auge do ensino, o auge da nossa cidadania: sair da escola habilitados para ingressar no mercado de trabalho, não percebíamos as problemáticas por trás deste sistema. A escola oferecia o primeiro e o segundo grau tecnico nas áreas profissionalizante de Administração

e Magistério (Antiga Formação de Professores) eu, quis ser bióloga, mas pela “confusão” de papéis que acompanhava a burocratização somada ao incentivo da minha professora, fui fazer o magistério, não me arrependi.

Foi complicado escolher, eram duas profissões que eu não queria, a primeira, eu achava que não conseguiria por conta da matemática, tinha muitos cálculos, e o Magistério, via o sofrimento dos meus professores da primeira a quarta série, tendo que se desdobrar, para conseguir trabalhar, eram turmas com muitos alunos, eles não davam conta de atender a todos, enfrentavam alunos desrespeitosos, não tinha recursos nas escolas que possibilitasse uma mudança de metodologia e o salário não compensava, mas era o sonho da minha mãe, ela queria ser professora e eu não me via realizando o sonho dela.

Optei em superar meus traumas da matemática, me matriculei em Administração, que para minha surpresa no primeiro dia de aula não encontrei meu nome em nenhuma turma, me dirigi até secretaria para saber o que havia acontecido, quando a secretária começou a procurar meu nome na lista de inscrição, logo vi meu nome na turma do magistério, turno da noite, surpresa, questionei o erro, mas a secretária apontou para meu nome no caderno de magistério, como se eu tivesse feito o erro. Fiquei sem saber o dizer, perguntei como poderia mudar, “no momento não, disse ela, venha amanhã para resolvermos”. Fui para casa muito pensativa, contei o que tinha acontecido para mamãe e ela foi logo dizendo: “Nada acontece por o caso!”

No dia seguinte, cheguei à escola cedo para resolver minha situação, enquanto aguardava, uma professora de Língua Portuguesa, professora Joana, que era muito especial, já tinha uma história de carreira muito grande, perguntou o que eu estava esperando, contei toda a história e meus medos de seguir no Magistério e ela me olhou e disse: “Minha filha, as dificuldades você irá encontrar em qualquer profissão que escolhe. Ser professora não é fácil, mas também não é tão ruim assim, vai depender de você, a forma como você vai lidar com os problemas é que lhe ajudará superar cada obstáculo, mas a escolha é sua”. Eu agradei o conselho e segui para a secretária, a moça que me atendeu no dia anterior, perguntou-me: “Você vai mudar de curso?” Respirei fundo e entreguei nas mãos de Deus e disse: “pode deixar assim, vou fazer Magistério, serei professora”.

1.2 Magistério como Profissão

Aqui inicia um ciclo de minha vida, que eu o chamaria de “metamorfose”, sim, foi o que a profissão do Magistério fez comigo, transformou-me paulatinamente em uma professora que almeja conseguir fazer a diferença na vida de seus alunos. No entanto, foram muitos os questionamentos: O que o magistério me trará de benefício? É isso que realmente

quero? Como farei para ser uma professora diferente? Porque os professores são tão desvalorizados? A partir desses questionamentos fui buscando respostas no decorrer da minha formação. De acordo com Libâneo (1994) o domínio das bases teóricas – científicas e técnicas, permitem maior segurança profissional, de modo que o docente ganhe base para pensar sua prática.

De uma coisa tinha certeza, independente das dificuldades, da falta de valorização e de reconhecimento pela profissão dos professores, daria o melhor de mim, e como Libâneo (1994) disse, buscaria o domínio das bases técnicas para tentar contribuir da melhor forma com a educação do nosso País. Assim, comecei a buscar nas aulas teóricas, um entendimento epistemológico para traçar o meu perfil de professora e tentar algo inovador em sala de aula, objetivo este, que não foi nada fácil, pois, não conseguia compreender, como iria colocar na prática teorias, tão, longe da minha realidade.

Fui buscando por meios de pesquisas, palestras, formações continuadas, participava de oficinas pedagógicas, conversava com amigos professores, procurava tirar, de cada momento como estes, o máximo de aprendizado possível para aplicar futuramente com meus alunos. E logo iria iniciar os estágios, que foram as minhas primeiras vivências em sala de aula diretamente com os alunos, e tive a oportunidade de observar de perto e exercer com outra perspectiva o trabalho do professor da Educação Infantil a 4ª série do Ensino Fundamental.

No estágio de regência tive a oportunidade de trabalhar por três meses com a turma da 2ª série, a professora titular se ausentou por motivo de doença e eu fiquei na turma, tirando um pró-labore remunerado, o que me deixou muito feliz, no entanto não tinha prática de nada, apenas teoria, recorri ao planejamento que a professora havia deixado para usar como suporte na construção dos demais, pois, o plano de aula é uma das principais ferramentas que o professor não pode abrir mão, “[...] é na aula que organizamos ou criamos as situações docentes, isto é, as condições e meios necessários para que os alunos assimilem ativamente conhecimentos, habilidades e desenvolvam suas capacidades cognitivas” (LIBÂNEO, 1994 p. 241).

A escola oferecia alguns recursos diferenciados que me ajudavam a elaborar uma aula menos sistemática, como sala de vídeo e alguns jogos educativos, que acrescentava em meus planos de aulas, estava sempre procurando algo novo, tinha um foco e não queria desviar e cair na mesmice de alguns professores descompromissados com a educação.

Finalizando o estágio, sabia que tinha de prosseguir nos meus estudos e me capacitando com formações continuadas, pois, meu pensamento em relação a educação sempre foi e sempre será, que o professor para educar crianças deve ter consciência, comprometimento e um compromisso muito grande com a educação. Minha formatura no Magistério foi uma conquista muito importante para mim, enfim, poderia me orgulhar de

minha profissão e fazer algo diferente por tantas crianças que necessitam de uma boa escolarização.

Início de carreira sempre é difícil, por isso, enquanto esperava uma oportunidade para se efetivada ou contratada em alguma escola, iniciei uma aula de reforço escolar na casa na minha tia que me cedeu um espaço para começar, e ela também tinha um objetivo de transformar sua residência em uma escolinha particular, gostei da idéia e começamos o trabalho, com quatro crianças na idade de seis anos, no ano seguinte aumentamos e logo construímos uma escolinha com a capacidade para sessenta alunos.

Trabalhar nessa escola me trouxe a oportunidade de adquirir e trocar mais conhecimentos com pessoas que já vinham atuando com muito mais experiência que eu. Minha tia era diretora de uma escola do município de Marituba e me inspirou muito por seu comprometimento e trabalho desenvolvido na comunidade escolar, ela fazia um trabalho totalmente diferenciado para ensinar as crianças através do lúdico.

Lembro-me de uma ocasião em que estávamos em período de matrícula e um pai de uma criança que tinha ouvido falar de nossa escola, por meios de pessoas que gostavam do nosso trabalho, questionou qual era o método da escola? Que linha de pensamento a escola tinha adotado? Nunca havia conversado sobre uma metodologia específica na escola! Então, pensei e respondi: nós não temos uma única metodologia, procuramos ensinar nossos alunos por meios de atividades lúdicas, nós adotamos como base, varias metodologias e tiramos de cada uma o melhor para cada criança.

Naquele momento, não me sentir segura para falar sobre o assunto, havia estudado, mas não consegui uma boa compreensão do assunto que me desse segurança para confirmar de fato, qual tendência estávamos seguindo, não conhecia a pessoa e nem o nível de estudo que a mesma poderia ter, se tratando de um pai de aluno fiz um resumo simples e direto. O pai saiu satisfeito fez a matrícula do filho e nos parabenizou. Fiquei um tanto incomodada com minha resposta, será que consegui responder bem? Depois falei com minha tia para saber o que realmente deveríamos responder em relação nosso método, então, ela disse: “Nossa metodologia é aprender brincando”, no momento não questionei, acatei e continuei o trabalho, a final era isso o que sempre fazíamos ensinar brincando, mas não me dei por satisfeita e fiquei de pesquisar mais sobre o assunto.

Pensar em um método, me fez pensar sobre as Tendências Pedagógicas, e como poderia enquadrar a escola, de acordo com Libâneo, as elas são classificadas em dois grupos: [...] as de cunhos liberais Pedagogia tradicional, Pedagogia Renovada e Tecnicismo educacional; as de cunhos progressistas Pedagogia Libertadora e Pedagogia Crítico- Social dos Conteúdos (1994, p.64).

Muitas escolas já vinham referenciando seu trabalho em uma única tendência, e umas delas que vinha ganhando espaço e se destacando na área pedagógica, a Pedagogia Crítico-

Social¹, que trazia uma proposta de ensino, diferente da Pedagogia Pradicional. ²Proposta que aplicávamos em nossa escola, quando pensávamos no planejamento.

Um dia, chegou à escolinha um vendedor de coleções de livros didáticos, e me mostrou varias livros com atividades já prontas para trabalhar com as crianças, até, que uma delas me chamou atenção, e o rapaz que estava vendendo percebendo minha curiosidade fez logo a propagando, informada que a coleção estava toda atualizada e que a proposta de ensino era baseada no construtivismo e que tinha muitos professores comprando, eu me interessei e comprei a coleção.

Apesar de ainda não ter feito uma pesquisa mais aprofundada referente ao construtivismo, fiz uma leitura, gostei da proposta, mas não a usei de imediato, gostava de ter para pesquisar se acaso precisa-se. Até que um dia participei de uma formação e foi falada novamente da Teoria do Construtivismo ³dos teóricos Jean Piagt e Vygotsky, naquela ocasião não me dava conta o quão importante seria tomar como base, teorias que explicassem como se dava o processo de aprendizagem na construção do conhecimento de forma significativa, ou seja, já aplicava na prática pedagógica na escola, mas sem ter um embasamento teórico. Que segundo Ribeiro (1999) ressalta “Todo educador tem por trás do seu fazer pedagógico uma teoria que o suporte”.

No entanto, o assunto passou e eu continuei no meu trabalho, procurando sempre trazer metodologias diferenciadas do tradicionalismo. Depois de quatro anos trabalhando como docente em uma escola particular, não tinha interesse em trabalhar em escola pública naquele momento, então, recebi uma nova proposta para mudar de escola e não medir esforços para passar no teste de seleção e ser chamada para nova escola fui classificada, deixei a escolinha e fui trabalhar em outra escola particular, esse novo trabalho atendia pessoas de classe média do município de Marituba- Pá.

Era uma escola bem mais exigente em relação à educação das crianças e principalmente quanto ao trabalho dos professores, era outra realidade, em todos os sentidos,

¹ Segundo Aranha, a Pedagogia Crítico-social dos conteúdos, ou, como também é conhecida, a Pedagogia Histórica-crítica, busca: “Construir uma teoria pedagógica a partir da compreensão de nossa realidade histórica e social, a fim de tornar possível o papel mediador da educação no processo de transformação social. Não que a educação possa por si só produzir a democratização da sociedade, mas a mudança se faz de forma mediatizada, ou seja, por meio da transformação das consciências”. (ARANHA, 2006, p. 216).

² O termo “Escola Tradicional” foi/é empregado para denominar as idéias pedagógicas que antecederam o Movimento Renovador, traz em seu bojo uma representação da Pedagogia Tradicional cunhada pela crítica como forma de justificar a necessidade da renovação e marcar a sua contraposição (BALDAN, ARCE p.03 s/a)

³ A base do pensamento construtivista consiste em considerar que há uma construção do conhecimento e, que para que isso aconteça, a educação deverá criar métodos que estimulem essa construção, ou seja, ensinar aprender a aprender. Essa linha pedagógica entende que o aprendizado se dá em conjunto entre professor e aluno, ou seja, o professor é um mediador do conhecimento que os alunos já têm em busca de novos conhecimentos criando condições para que o aluno vivencie situações e atividades interativas, nas quais ele próprio vai construir os saberes (BECKER1994).

ambiental, estrutural e pedagógico. De início observei que a escola trazia uma abordagem metodológica um pouco conservadora, trazia uma forte tendência do tradicionalismo. Sala lotada, alunos sentados em fila, atividades na lousa, livros didáticos, provas da educação infantil a 5ª série e o professora tinha que segui somente as ordens da direção, por tanto, o que mais me intrigava era a filosofia da escola “Educar para melhor integração do ser na sociedade” pensava comigo mesma: como irei preparar um aluno para viver na sociedade atual, sem me desviar do que a escola oferece? Como tornar um aluno pensante e crítico? Nos primeiros dias de aula, sempre tinha alguém me observando indiretamente, eu notava, mas não deixava transparecer que aquilo me incomodava, sempre levei meu trabalho a sério.

Como toda profissão, o magistério é um ato político porque se realiza no contexto das relações sociais onde se manifestam interesses das classes sociais, como era uma escola privada os interesses em manter o status que a instituição já havia construído era muito grande.

O primeiro ano foi bem complicado me adaptar, mas aos poucos mostrava umas atividades diferentes, as outras professoras também estavam trazendo coisas novas, idéias que mudavam aquele contexto só do tradicionalismo. Lembro-me de uma situação com a professora da turma de 3ª série, que era muito dedicada, estava fazendo faculdade, e sempre estava nos atualizando dos assuntos pedagógicos, ela queria fazer um trabalho diferente com os seus alunos, no coletivo, então juntou todas as caixas de lápis de cores e fez uma única caixa, para ser usada por todos, quando a direção ficou sabendo a professora foi chamada a atenção e teve que separar todos os lápis. Então, tinha muitos empecilhos que me deixava travada em pensar em algo novo para aplicar com os alunos, a única coisa que fazia de melhor era transmitir os conhecimentos com todo amor e carinho.

Em 2005 aproximadamente depois de muito trabalho a escola iniciou outras mudanças, já havia uma maior flexibilidade em relação a autonomia do professor em sala de aula, chegaram pessoas com novas propostas de ensino, abordagem diferentes inovadoras, porém fiquei um tempo alienada, me acomodei na rotina, parece que estava petrificada. E com isso senti muitas dificuldades em me adequar principalmente com a tecnologia. Parei no tempo por quase 10 anos e isso me trouxe muitos pontos negativos.

Contudo, passei por essa escola treze anos da minha vida, dividido por turmas; 03 anos no maternal, 01 níveis I, 02 anos no nível II, 05 anos na turma de alfabetização, 02 anos na turma de 2º ano. A cada ano que se passava uma nova realidade, novos métodos de ensino surgindo e o que íamos aprendendo era por meios de palestras e capacitações que a escola oferecia.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB/9394/96) que previa a extinção da formação do Magistério no nível Médio e que somente professores com ensino superior poderiam ser admitidos, em 2010 houve uma reunião onde me

informaram que a partir do final do ano a escola não poderia mais ficar com os professores que tivesse apenas o Magistério Normal, seria necessário ter a formação superior em Pedagogia, eu até iniciei uma faculdade particular de Pedagogia a uns anos atrás, contudo não foi adiante. Com essa mudança no sistema fiquei preocupada e comecei a fazer cursinho, queria passar na universidade pública, e continuar com minha profissão. Depois de formada no Magistério só trabalhei em escolas privadas, o tempo passou e eu não havia percebido a importância de ter uma formação acadêmica superior.

Com as novas exigências estudei por dois anos em um cursinho, e em 2012 consegui passar no vestibular, para minha surpresa em duas universidades públicas, no curso de Letras em Libras na Universidade do Estado do Pará (UEPA) e no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pará (UFPA) pelo qual decidi cursar.

O primeiro semestre do curso de Pedagogia foi um desafio muito grande, conciliar o trabalho com o estudo foi muito desgastante. Senti o primeiro impacto, foi a minha demissão da escola e pelo que me consta o motivo foi os meus estudos, foi um trauma que não gosto de lembrar. Fiquei três meses desempregada, mas não desisti do meu curso, sabia que novas oportunidades viriam.

Em agosto de 2014, fui contratada para ser Coordenadora Pedagógica em uma escola conveniada com a prefeitura municipal de Marituba. São duas histórias que chegaram praticamente juntas na minha vida, tive de conciliar trabalho e estudo, dessa vez um complementou o outro. Quando me vi sendo Coordenadora Pedagógica, e não tendo nenhuma experiência em trabalhar coordenando um grupo de professores, foi um grande salto, pois sempre fui uma pessoa muito quieta e calada, falo sempre o essencial principalmente com adultos, tenho dificuldade de socialização, mas era a hora de superá-lo.

Iniciei colhendo informações de toda a estrutura da escola, regimentos e principalmente a parte pedagógica, como a escola era conveniada com o Município de Marituba- PA, tinha que saber como se dava o regimento educacional do mesmo, pois iria precisar orientar os professores. A escola era de porte pequeno, funcionava da educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental menor.

Antes de iniciar o trabalho na escola, fui informada pela diretora que lá eles desenvolviam suas metodologias de ensino a partir do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), e que mesmo com minhas experiências como professora não tinha conhecimento sobre o significava trabalhar com base no PNAIC. Então, perguntei o que era e ela me explicou de forma bem sucinta, restavam dúvidas, mas as aulas iniciariam no segundo Semestre de 2014, e já estava cursando o terceiro semestre de Pedagogia, então de certa forma, o curso estava me ajudando a entender esse programa, uma vez que era o discurso da vez, o lançamento do Programa através do Ministério da Educação (MEC), uma vez que existiam muitas críticas ao programa, principalmente na cobrança de uma

alfabetização para todas as crianças em um mesmo tempo, não respeitando o tempo de aprendizagem individual das crianças, que concondo totalmente.

Em vista disso, fui fazer pesquisa sobre o PNAIC e aos poucos fui me familiarizando com o programa e conseguindo aplica-lo gradativamente na sala de aula e com os colegas de profissão, este Pacto foi fundamental para meu aperfeiçoamento profissional e comprometimento com a educação de meus alunos. Por isso, em breve irei descrever o que descobrir em minhas pesquisas e nas minhas experiências enquanto coordenadora pedagógica.

2 A Experiência no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa/PNAIC: de professora a formadora.

A partir daqui irei fazer um relato sobre o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa/PNAIC, de como ele influenciou a minha formação e prática docentes.

2.1. Conhecendo o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa/PNAIC

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa/PNAIC, segundo Costa (2013) teve seu início no ano de 2012. O referido programa foi criado visando garantir a alfabetização de todas as crianças até os oito anos de idade, o mesmo era um projeto implementado pelo governo federal, o qual subsidiaria incentivos financeiros, assistência técnica e pedagógicas, promovendo a formação de cerca de 360 mil professores alfabetizadores até o ano de 2015. Só conseguir entrar nas formações do PNAIC em 2016 e o governo só liberou a verba para pagar o incentivo financeiro para os professores em 2017.

Como a educação de acordo com o senso de 2010 estava abaixo do esperado, foi pertinente que esse programa tenha sido implantado e levado a sério nas escolas do país, visto que, a educação brasileira estava passando por um momento delicado sendo, observando-se um percentual elevado de crianças que não sabem minimamente ler e nem escrever. De acordo com Chan (2014, p. 4) afirma que:

15,2% das crianças brasileiras chegam aos oito anos sem estarem alfabetizadas. Alfabetização tardia pode atrapalhar a aprendizagem do aluno e, visando mudar essa situação, o **Ministério da Educação** lançou o **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa** (PNAIC). Realizado entre municípios, distrito federal, estados e governo federal, o objetivo do pacto é alfabetizar em Português e Matemática todas as crianças até os oito anos de idade, no final do 3º ano do Ensino Fundamental

De fato, é oportuno que se valorize um programa desse porte a fim de que as crianças sejam alfabetizadas, tal programa se tornou um norte para a prática pedagógica de muitos educadores de todo o Brasil, apesar de muitas críticas ao Programa. O município de

Marituba aderiu o programa desde o início de sua implementação, juntamente com as cidades vizinhas Belém e Ananindeua, vale ressaltar que o pólo principal do programa está localizado na Universidade Federal do Pará - UFPA.

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) tinha como objetivo por meio desse programa alfabetizar plenamente 100% das crianças brasileiras até os 8 anos de idade, principalmente na área de linguagem e matemática como afirmou Costa naquele momento, “não estamos falando de apenas saber ler e escrever, mas também de saber interpretar textos e fazer contas” (2013, p.3)

Esta foi uma preocupação pertinente dentro do âmbito educacional, visto que, muitas crianças não aprendem as noções básicas da Língua Portuguesa e da Matemática em tempo hábil, e o PNAIC, serve de suporte aos professores que tem acesso a metodologias eficazes que podem colaborar para o desenvolvimento significativo desse processo.

No que diz respeito aos eixos de atuação do referido programa, elencou-se como a sua primeira ação: a formação continuada de professores alfabetizadores e de orientadores de estudo. Essa formação consistiu na execução de um curso que seja presencial durante um período de dois anos para os professores alfabetizadores, com carga horária de 120 horas por ano, pautado no Programa de Letramento. Nesses encontros os educadores foram conduzidos pelos orientadores de estudo, sob a orientação do MEC.

É imprescindível ressaltar que os orientadores de estudo do programa precisavam ser professores das redes municipais ou estaduais. Em Marituba, os professores formadores deveriam estarem efetivos como professores pelo município, os quais foram submetidos a um curso específico, com carga horária de 200 por ano, executado pela UFP|A. Os municípios, naquele momento tiveram que informar ao MEC quem eram os professores da região com formação em Pedagogia e experiência com os anos iniciais do ensino fundamental.

Já a segunda ação trabalhada pelo pacto foi a distribuição de recursos didáticos direcionados para a alfabetização, como livros didáticos e jogos pedagógicos, como tudo que é pedagógico passa por uma avaliação, o referido programa também teve seus resultados avaliados através do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB.

Através da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) esperou-se produzir índices sobre o os saberes dos discentes e colaborar para o cumprimento das metas do PNAIC. Outra avaliação direcionada à alfabetização foi a Provinha Brasil, que os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental executaram, no início e ao final do ano letivo. Porém, é uma prova que serve como amostra e não censitária, como tal qual a ANA.

Em questão da prova ANA, pude perceber que a questão formulada para nossos alunos acredita-se que seja de toda região norte, são totalmente fora do contexto e do Nível de aprendizagem das crianças. Só então comecei a entender o papel do PNAIC, nas

escolas, que na realidade servia mais como reguladora do conhecimento, não necessariamente preocupada com a efetiva aprendizagem dos alunos.

Segundo a coordenadora geral do PNAIC da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Isabel Cristina Alves da Silva Frade, o Pacto se constitui em uma política de continuação do governo brasileiro no que diz respeito à formação dos docentes. “Ele é uma política educacional mais aprofundada, pois reúne três vertentes indispensáveis para o seu êxito: o processo de formação, de avaliação e a disponibilidade de materiais didáticos nas escolas, para o uso do educador e do aluno” (IZUMI, 2015).

Um dos objetivos do PNAIC é a formação de docentes com uma visão crítica, além de ter iniciativas criativas nas resoluções de problemas os quais são deparados pelos alunos que estão em fase de alfabetização. Espera-se que a comunidade escolar mantenha uma ponte de diálogo com as famílias na tentativa de criar um ambiente mutuo de colaboração na perspectiva de alfabetizar esses alunos até o final do 3º ano do ciclo de alfabetização.

2.1.2 O PNAIC e minha atuação na Coordenação.

A formação e a prática docente é o termômetro do Programa PNAIC, a medida que se dar as formações continuadas, cabe ao professor mobilizar e construir conhecimentos a partir da realidade ou do contexto de trabalho a qual está vinculado. A sala de aula deve ser um espaço de formação continuada. Segundo Nóvoa:

A formação continuada deve estar articulada com o desempenho profissional dos professores, tornando as escolas como lugares de referência. Trata-se de um objetivo que só adquire credibilidade se os programas se estruturarem em torno de problemas e de projetos de ação e não em torno de conteúdos acadêmicos (NÓVOA, 1992, p.30).

Essa visão tive a partir do momento em que comecei a participar das formações, pois percebi que era um trabalho muito sério e que realmente tudo iria depender do comprometimento que colocaria na minha prática pedagógica, para o sucesso dos alunos.

Os formadores do PNAIC, tem uma preocupação muito grande em nos orientar da melhor forma possível, para que consigamos colocar em prática e consegui obter um bom resultado com nossos alunos do 1ª ao 3º ano do ensino fundamental. Pois a esse respeito afirma o documento sobre o PNAIC:

É a partir da complexidade do trabalho docente que o professor constrói e reconstrói seu conhecimento por meio da articulação com as necessidades pedagógicas e dos desafios do ato de ensinar. [...] nos cadernos de formações de 2013, desafiavam o professor a repensar a sua prática por meio do engajamento ativo que possibilitou a promoção e transformação do fazer pedagógico cotidiano (BRASIL.2015. p.53).

Logo no início das formações me sentia um tanto perdida, não conseguia compreender como iria conseguir alfabetizar crianças usando metodologias

interdisciplinares, utilizava nas minhas aulas, jogos, pesquisas, confecções de materiais didáticos etc, porém usava para ministrar nas disciplinas separadas, cada método para a disciplina específica, e era uma forma agradável no meu vê de ministrar aula.

Mas a minha preocupação maior era ter que orientar os professores da escola onde estava trabalhando, fui lotada como coordenadora Pedagógica e como uma coordenadora pedagógica irar orientar e dar suporte aos professores sem entender a abordagem metodológica a qual a escola está inserida.

Nesse período estava cursando pedagogia na UFPA (Universidade Federal do Pará) e já havia passado pela disciplina de coordenação pedagógica em ambientes escolares nessa disciplina tive a oportunidade de conhecer um pouco do trabalho de um coordenado pedagógico por meio do estágio, essa experiência foi de suma importância para nortear o meu trabalho na escola.

Sabendo que o Coordenador Pedagógico tem um papel de extrema relevância dentro das instituições escolares e o compromisso de subsidiar o processo de ensino e aprendizagem, fazendo o acompanhamento de todo processo educativo escolar, me fez buscar um pouco mais de conhecimento a respeito desse profissional. Uma das obrigações e fazer o acompanhamento dos eventos proposto a cada semestre orientar o professor no planejamento e no processo de avaliação, sendo este uma das principais ferramentas que o docente usa para desenvolver um bom trabalho do decorrer do ano letivo.

O coordenador medeia o saber, o saber fazer, o saber ser e o saber agir do professor. Essa atividade mediadora se dá na direção da transformação quando o coordenador considera o saber, as experiências, os interesses e o modo de trabalhar do professor, bem como criar condições para questionar essa prática e disponibiliza recursos para modificá-la, com a introdução de uma proposta curricular inovadora e a formação voltada para o desenvolvimento de suas múltiplas dimensões (ORSOLON, 2002, p.22).

Uma vez detectada alguma dificuldade de alguns docentes no processo de ensino e aprendizagem faz se necessário a intervenção pedagógica por meio do acompanhamento do grupo docente para juntos traça metas e compreender as necessidades e a importância da pratica pedagogia como descreve Santos que (2008, p.33) “A aprendizagem somente ocorre se quatro condições básicas forem atendidas: A motivação, o interesse, habilidade de compartilhar experiência e habilidade de interagir com os diferentes contextos”, neste contexto o coordenador deverá buscar o melhor desempenho dos profissionais para que eles possam oferecer essas condições básicas para os educandos,

A função do coordenador é realizar um trabalho pedagógico no qual deve ser orientado aos profissionais atuantes na escola que é imprescindível que se realize um bom projeto para que seja executado com qualidade. Por meio da intervenção do coordenador junto aos docentes o resultado será ideias, reflexões e questionamentos desses profissionais sobre o que é a escola e que sua função neste contexto é relevante no que diz respeito à

inovação da prática pedagógica da escola para melhorias na qualidade do ensino.

[...] do aluno requer um conjunto de ações que apenas um docente não pode a formação realizar; portanto o processo de ensino – aprendizagem não se alimenta exclusivamente da contribuição individualizada de cada conteúdo ou professor isoladamente; pelo contrário, além dessas contribuições individuais, há aquelas provenientes do trabalho conjunto de todos os docentes e destes com os demais profissionais da educação lotados na escola (FALCÃO FILHO, 1994 p. 46).

É interessante saber que o trabalho do coordenador deve ser orientado e isso, estabelece um ajuste muito extenso, não somente com o grupo na qual se está trabalhando, mas consigo próprio. Trata-se de uma obrigação política que induz a capacidade profissional e termina por pensar no ato do docente, em sala de aula, as modificações ambicionadas. Todavia, o serviço do coordenador é muito complexo de ser conseguido, estabelece conhecimento para o nexos em sua complexidade. Nesse sentido Gandin (1983, p. 89), esta ação não é fácil, por que:

Exige compromisso pessoal de todos; Exige abertura de espaços para a participação; Há necessidade de crer, de ter fé nas pessoas e nas suas capacidades; Requer globalidade (não é participação em alguns momentos isolados, mas é constante); Distribuição de autoridade; Igualdade de oportunidades em tomada de decisões; Democratização do saber.

Pelo exposto se tem como pensamento conclusivo de que a escola, é elemento complementar do conjunto social, não é uma obra acabada. É conseqüência, dos tumultos sociais que os trabalhadores vivem nas relações de produção, nas relações sociais e nas lutas de classe. É também obra das lutas sociais pela escola como ambiente para atender a necessidade de saberes, qualificação profissional, e de avanço de suas condições de vida enquanto permite melhores empregos e o ingresso a uma maior renda.

Não tem como negar este direito aos trabalhadores, e, por isso, a escola pública, mesmo com todos os problemas, é um espaço de Educação Popular. Brandão (1999, p.15) assim caracteriza: “A educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e, ali, sempre se espera, de dentro, ou sempre se diz para fora, que a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor”.

Diante dessa realidade o coordenador tem a probabilidade de modificar a escola na prática de um desempenho verdadeiramente comprometido com uma sugestão política e não com a realização de uma função alienada assumido. Deve antes de tudo, estar submerso nos movimentos e lutas justas e imprescindíveis aos docentes. Espalhar boas sementes, onde a instrução se faz atual e confiar impetuosamente que estas surtirão adequados produtos.

A distinção da coordenação necessita ser determinada e assumida pelo Educador e pelo coordenador. É uma escolha que lhe atribui responsabilidade e o alívio de poder. O coordenador necessitará ser capaz de ampliar e mencionar procedimentos de apreciação para detectar o fato e daí provocar tática para a ação; necessitará ser adequada de ampliar e adotar

projetos conceituais autônomos e não dependentes vários de muitos daqueles que vem sendo empregados como exemplo, pois um modelo de coordenação escolar não serve a todas as realidades.

O coordenador medeia o saber, o saber fazer, o saber ser e o saber agir do professor. Essa atividade mediadora se dá na direção da transformação quando o coordenador considera o saber, as experiências, os interesses e o modo de trabalhar do professor, bem como criar condições para questionar essa prática e disponibiliza recursos para modificá-la, com a introdução de uma proposta curricular inovadora e a formação voltada para o desenvolvimento de suas múltiplas dimensões (ORSOLON, 2002, p.22).

Nesta perspectiva o coordenador deve ter ciência que no ato do planejamento pedagógico, a direção do trabalho tem que estar focada na forma como se dará a sequência de aprendizagem do conteúdo programático ao longo da escolaridade sendo necessário realizar a adequação dos saberes que precisam ser ministrados de maneira contextualizada com as outras áreas do conhecimento. É necessário que esse conteúdo siga uma sequência lógica os quais irão dar continuidade aos da fase anterior, contribuindo para que o aluno tenha uma aprendizagem articulada e de fato e ao docente, dar a oportunidade de ações interdisciplinares.

É fato que para que o conhecimento tenha sentido transformador para o discente é preciso que aquele tenha relação com a realidade por ele vivenciada, e que os conteúdos das diversificadas áreas do saber venham fazer referência ao discente na sua totalidade. O que se transforma através desse novo pensar e fazer do coordenador, praticamente tudo, porque agora se tem uma estrutura, isto é, uma qualificação teórica que irá auxiliar no dia a dia escolar do coordenador.

Neste contexto, várias perguntas são pertinentes, tais como: Quais as reais atribuições deste profissional que é de suma importância no ambiente escolar? Na atual conjuntura, a fundamental contribuição deste profissional é o de dar movimento a diversificados conhecimentos dos variados profissionais que trabalham na escola para conseguir o mais perfeito desempenho de cada um em prol de uma educação de qualidade e colocar os discentes em ambiente de constante aprendizado. Tal afirmação é levada a cabo por Freire (1982) o qual defende esta teoria ao descrever que o coordenador pedagógico é, primeiramente, um educador e como tal deve estar atento ao caráter pedagógico das relações de aprendizagem no interior da escola. Ele leva os professores a resinificarem suas práticas, resgatando a autonomia docente sem, se desconsiderar a importância do trabalho coletivo.

Neste sentido, o trabalho do coordenador deve ser sempre pensado e articulado sendo seu primeiro passo a execução de um plano de trabalho que visa estabelecer as ações que devem ser coordenadas e flexíveis de acordo com a realidade escolar, e dessa forma estimular o trabalho em grupo, aconselhar que se tenha uma nova função e que apesar de todos estarem ligados por laços de efetividade uns com os outros, tem-se deveres a cumprir

e as cobranças são necessárias para que se obtenham resultados satisfatórios da aprendizagem. É missão do coordenador mobilizar os docentes a realizar um trabalho em grupo, sendo essa uma condição importante para a melhoria do fazer pedagógico em sala de aula.

O coordenador Pedagógico é um agente de mudanças no cotidiano escolar, e de acordo com Nóvoa (2011, p. 35) para tal:

Promovendo um trabalho de conexão com a gestão escolar (discutindo que a integração é o caminho para a mudança, por isso, o planejamento do trabalho pedagógico deve acontecer de forma participativa e democrática). Realizar o trabalho pedagógico de forma coletiva, defendendo que a mudança só acontece se todos se unirem em torno de um objetivo único; [...] Criar oportunidades para o professor compartilhe suas experiências, ao incentivar que o professor se posicione de forma integral e aprendiz em relação a dinâmica da escola; Procurar atender às necessidades e desejos de todos que compõem a escola, o coordenador precisa estar sintonizado com os contextos social, cultural e educacional da escola, captando as necessidades e anseios da comunidade escolar.

Mesmo buscando rever alguns teóricos que falam sobre o papel do coordenador pedagógico, no primeiro momento fiquei perdida, tive medo, mas aos poucos fui buscando respostas e me adequando de acordo com a realidade, meus questionamentos em relação ao trabalho do Professor continuava: Como se dar o trabalho do professor dentro do PNAIC? Qual é a forma de Planejamento? E as Avaliações como acontece? Essas indagações foram bases fundamentais para começar meu trabalho e a compreender o caminho que iria seguir.

Primeiro, descobrir que o professor deveria seguir algumas diretrizes pedagógicas orientadas pelos formadores do PNAIC. Ressalto que o coordenador pedagógico não era obrigado a fazer parte das formações do PNAIC, somente em vinte do mês de março de 2017 o MEC publicou uma portaria incluindo a obrigatoriedade do coordenador pedagógico nas formações continuadas do PNAIC. Assim muitos coordenadores ficavam sem saber como orientar o professor diante das dificuldades, da prática pedagógica,

Neste sentido, precisei entender o ciclo de Alfabetização e vi que o programa tem uma meta voltada para o ensino da leitura, da escrita e da matemática, pois, segundo o PNAIC é somente por meio da prática que se desenvolve a capacidade da ampliação do saber. Assim, ter acesso a diferentes tipos de aprendizagens é, pois, não apenas decorar regras gramaticais e matemáticas, e listas de palavras.

Nessa direção comecei a questionar com os professores da escola que faziam parte do PNAIC, que participavam das formações, quão grande foi minha surpresa a maioria dos professores da escola tinha grande dificuldade em colocar na prática a parte teórica. Então, iniciei o meu trabalho como coordenadora na escola e para ajudar alguns professores que não conheciam como era o trabalho do PNAIC igualmente eu, então, montei um grupo de estudo dos cadernos usados nas formações, para junto com os professores tiramos algumas dúvidas e fomos adaptando e inserindo aos poucos em nossa prática pedagógica tudo que

abstraiamos dos nossos estudos.

O importante é sabermos que teoria e prática sempre andam juntas, mesmo que não tenhamos muita clareza sobre as teorias que estão influenciando nossa prática. Toda ação humana é marcada por uma intenção, consciente ou inconsciente. Sempre poderemos encontrar aspectos teóricos em nossas ações. Ou seja, aspecto de vontade de desejo, de imaginação e finalidades (MATE, 2009.p.38)

Meu principal foco foi começar a entender de que forma como os professores estavam colocando em suas aulas os estudos feitos nas formações e se estavam de acordo com os objetivos traçados pela secretaria de ensino do município dentro das perspectivas do PNAIC. Sabendo que uma das ações do pacto Nacional pela alfabetização na idade certa é a formação dos professores, com objetivo de preparar o professor, levando-o a fazer uma reflexão da sua própria prática docente, proporcionando uma ressignificação de saberes. No entanto, ouvia muitos comentários negativos por parte dos professores em relação ao programa: “isso é perda de tempo”, “só para nos dar trabalho” “antigamente as crianças aprendiam mais rápido”, eram comentários que de forma ou de outra me deixava reflexiva.

Aos poucos em conversa com os docentes fui percebendo que a grande dificuldade de fato, era colocar na prática algumas ferramentas que dariam suporte para que o trabalho docente acontecesse como organização do espaço/ sala de aula, adequado com suportes que favoreça a alfabetização, registro diário dos alunos, sequência didática, caderno de plano de aula, elaboração de parecer avaliativo e preenchimento das fichas individuais referente ao desempenho dos alunos. Então iniciamos um estudo por parte, com a finalidade de diminuir as dificuldades e melhorar o trabalho do professor.

Dessas ferramentas a Sequência didática, era a que mais assustava os docentes, pois, é a partir dela que inicia todo o planejamento do professor. A finalidade da Sequência Didática é fazer com que o aluno se sinta envolvido na proposta de ensino e sinta a necessidade de buscar novos conhecimentos. Era nesse termo que estava nossas angustia, procurei junto com os professores a melhor maneira de organizar a proposta de ensino da escola junto ao currículo voltado para as turmas dos anos iniciais e conseguimos construir a primeira Sequência Didática, dentro do contexto do PNAIC.

Foram muitos os contratempo na execução do trabalho, falta de matérias e outros recursos que possibilitariam um bom resultado do trabalho, dessa forma a flexibilidade são fundamentais para o professor, pois,

Mesmo planejada previamente, uma Sequência didática deve ter um caráter flexível, de modo a permitir que outras situações venham a ser incorporadas ao processo, caso alguns conhecimentos precisem ser mais aprofundados. Além disso, esse trabalho proporciona a integração entre os vários eixos de ensino da língua, oralidade, leitura, produção de texto e análise linguística e de diversos componentes curriculares (ciência, geografia, história, dentre outros). (BRASIL. MEC.2015. p.65).

Ensinar a ler e escrever devem estar centrados em promover ao aluno a obtenção da língua portuguesa, de forma que ele possa expressar-se perfeitamente, aconselhado pelo professor por meio de estímulos à leitura de textos diversificados, nos quais serão observadas as múltiplas variações linguísticas, portanto, é função do educador apontar aos alunos uma variedade de discurso. Trabalhar com diversificados textos que possibilite ao professor fazer uma análise mais consciente das muitas formas de estilo da língua. Dessa maneira, o professor pode modificar a sua sala de aula num ambiente de achados e constituição de saberes.

Esse foi outro desafio que enfrentei, pois, a escola não tinha como dar suporte materiais para os professores construírem materiais pedagógicos, uma vez que uma das propostas do PNAIC é que o professor possibilite uma aprendizagem significativa, construído recursos didático para auxiliar na aprendizagem do aluno, me via responsável em ajudar os professores e por vezes utilizei meus próprios recursos para suprir a necessidade da escola e tentar levar o trabalho adiante.

Vejo, neste contexto, o trabalho docente constitui o exercício profissional do professor e este é o seu primeiro compromisso com a sociedade. Sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política. É uma atividade fundamentalmente social, porque contribui para a formação cultural e científica do povo, tarefa indispensável para outras conquistas democráticas.

Por isso me engajei em conseguir recursos financeiros junto as famílias e a comunidade, promovendo ações que gerassem renda para garantir compras de materiais escolares. Visto que, para ensinar diversos conteúdos, os educadores, devem saber conciliar teoria à prática, levando seus alunos a terem uma aprendizagem significativa, proporcionando a eles a construção de seu próprio conhecimento, visando com isto à busca incessante à sua cidadania.

Sabe-se que a formação em serviço deve ser um exercício de valorização do profissional da educação, onde se constitui uma rede de produção do conhecimento, que vise à melhoria na qualidade do ensino. No entanto, vemos que a maioria dos casos o educador se sente desestimulado no sentido de exercer seu trabalho. A partir do momento que estive trabalhando junto com o professor, tendo outra percepção do trabalho docente, tendo que ajudá-lo a construir planejamentos, metodologias e recursos didáticos, percebi os quantos nos professores mesmo desestimulados nos doaram para atinge uma educação de qualidade. Nesse ponto concordo que:

[...] O papel do professor alfabetizador é central, não cabendo confundir-lo com alguém que na sala de aula reproduzirá métodos e técnicas. O professor alfabetizador deve ser tratado como um profissional em constante formação, não só na área de linguagem, mas em todas que façam parte do ciclo de alfabetização (BRASIL. 2015 p.27).

Quando os conhecimentos fazem sentido, parece que sempre fizeram parte da vida do homem e assim os saberes ficam estabelecidos, percebe-se então que o educador deve preparar seus alunos do ensino fundamental para a prática da cidadania, da vida social, amorosa, familiar, visando uma sociedade mais justa e igualitária. À medida que surge um obstáculo no processo de formação do conhecimento; o professor deverá ser mais concreto, buscar novos meios para que o aluno aprenda aquilo que está sendo estudado.

Nessa perspectiva educacional, cabe ao professor através de sua intervenção pedagógica, propiciar situações significativas de aprendizagem, em que o saber previamente construído pelo aluno na escola, em seu cotidiano familiar e social seja resgatando e reelaborando, contextualizando-se o conhecimento formal. Nas formações do PNAIC as quais participei esse ponto era muito enfatizando, pois a partir da intervenção do professor que se daria o processo de aprendizagem mediante a dificuldade que o aluno manifestasse.

Fiquei na escola como coordenadora pedagógica durante dois anos 2015 a 2016, nesse tempo meu conhecimento em relação ao PNAIC, obtive por meio dos meus esforços para poder dar suporte aos professores, estudamos, trocamos ideias com outros professores de outras escolas, tirava dúvidas com as formadoras do PNAIC, mas somente em 2017 fui inserida no programa, e pude fazer parte das formações, nesse período, a escola a qual trabalha perdeu o convenio com a prefeitura e eu fui remanejada para outra escola do município, mas como professora para trabalhar com a turma do primeiro ano do ensino fundamental menor, eram 31 crianças com a idade de seis anos.

Ao me deparar com a sala cheia de crianças, me fez refletir os primeiros anos que iniciei a minha profissão no magistério, fiz uma retrospectiva de todo caminho percorrido até aqui, das ações desenvolvidas para conseguir alfabetizar, das novas propostas de ensino, das teorias estudadas na faculdade, na experiência do trabalho do PNAIC e por um momento minha realidade se contra pois, com meu conhecimento teórico, sentir as mesmas inseguranças do início de carreira, tinha 31 vidas na minha mão para colocar em prática tudo que apreendi no decorrer da minha trajetória de vida. Sabia do tamanho da minha responsabilidade.

O primeiro ano do ensino fundamental menor é uma turma muito especial, são crianças que estão passando por um processo de transição da pré-escola para ingressar no ensino fundamental de acordo com a

Lei de Diretrizes e Bases de Educação (LDB) – Lei n. 9.394/96 e de outras, mais recentes, emitidas após a aprovação das Leis n. 11.114/05 (que torna obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade) e n. 11.274/06 (que dispõe sobre a duração de nove anos para o ensino fundamental). (ZEN, XAVIER.2010. p.151).

A minha inquietação com as crianças de seis anos se dar por conta de elas estarem saindo das creches e entrando nas escolas do ensino fundamental, onde muitas escolas ainda

não tem uma boa estrutura física e pedagógica que garanta a essas crianças um acesso menos dolorido, nesse novo âmbito educacional.

Sabia do grande desafio que iria encontrar para alfabetizar aqueles alunos, nos primeiros dias observei que eram crianças muito agitadas, precisava encontrar alguma forma de chamar as atenções para minhas aulas.

Comecei colocar em pratica algumas atividades pedagógicas que eu aprendi nas formações do PNAIC: Brinquedo cantado, jogos, pequisas, musicalização, teatro etc.. que serviram de suporte para que foram de grande importância para desenvolver o meu trabalho.

No entanto, a escola apesar de aderir o programa ainda adota algumas metodologias que fazem referência ao tradicionalismo. Ainda assim, vejo que há algumas resistências das escolas em aderir o PNAIC na sua totalidade. Mas que diante do trabalho desenvolvido pelo programa tento colocar na minha pratica pedagógica, atividades que possibilitem o desenvolvimento integral do aluno, visando uma proposta interdisciplinar, que respeite os níveis de desenvolvimento de cada criança, onde o lúdico se faça presente e a criança possa ser criança. Dessa forma concordo com Russo,

Quanto à aplicação prática de novas teorias. A atualização pode ser feita, na medida do possível, por meio de leituras, cursos, reuniões, grupos de formações, trocas de experiência, horários de trabalho coletivo, entre outros. Não se pode desprezar o passado; ao contrário, é pelo passado que se amplia o presente, professor deve ter consciência das mudanças que ocorrem com o passar do tempo e de suas consequências, tanto em relação aos conhecimentos teóricos, e a interação do professor nas diversas áreas do conhecimento só poderá enriquecer ainda mais suas atividades. O docente, assim como o aluno, é o sujeito do próprio conhecimento. Tendo ou não vocação para o magistério, deve tentar uma aproximação maior entre expectativa que possui da profissão e sua realidade (RUSSO, 2012 p.12).

O trabalho dentro do programa requer um estudo muito bem aprofundado, pois trabalhar com a alfabetização nas séries iniciais exige do professor um conhecimento epistemológico apropriado para garantir resultado positivo na educação. No decorrer das formações fui buscando entendimento para conseguir aplicar as estratégias de ensino que o programa pede, aprendi que segundo Russo 2012 é a parti da complexidade do trabalho docente que o professor constrói e reconstrói seu conhecimento por meio da articulação com as necessidades pedagógicas e desafios do ato de ensinar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever o memorial da minha trajetória de vida, me fez rever questões das quais vivi, que me levaram a ter uma reflexão mais aprofundada e crítica em relação as questões sociais e educacionais. Hoje percebo o quanto a educação brasileira evoluiu, mas ao mesmo tempo sei o quanto ainda precisamos melhorar.

Passei por um caminho no período escolar de muitas mudanças educacionais, mas que ainda sim deixaram marcas, de um sistema tradicional que carreguei dentro do meu inconsciente por muitos anos. Mas, que com o passar do tempo essas marcas foram dando espaços para novas perspectivas, novos saberes.

Minha formação no Magistério me proporcionou uma nova visão de mundo, no início não foi nada fácil, mas a cada dificuldade, procurava melhorar, sei que os profissionais do magistério conhecem as limitações da formação que recebem e a oferta de cursos e capacitações em serviço é cada vez maior – justamente porque a busca por profissionais qualificados é uma exigência do mercado.

Dessa forma penso que professor não pode deixar de ir além, devendo está sempre buscando capacitação, e umas das mais procuradas são as formações continuadas, que são oferecidas pelos municípios, o trabalho do professor em sala de aula se aperfeiçoa.

Isso me levou a analisar a respeito da função do educador e de sua prática educativa em direção de criar uma postura autônoma dos educandos no seu propósito de pensar, agir e viver. Visto que, o aluno da contemporaneidade, é um edificador de seu aprendizado e não apenas um mero receptor passivo de informações, como antes.

Minha experiência no magistério me ajudou percorrer pelos parâmetros educacionais tanto das instituições de ensino privado quanto do ensino público, equiparando ambos a falta de investimento nas escolas públicas deixa muito a desejar, mas os esforços e coragem dos profissionais que lidam com o ensino faz brotar uma esperança que a educação pode continuar a melhorar. O reconhecimento de que a instrução deve estar voltada para o futuro e não para o passado, é que me fez ir, em busca de novos desafios e assim enriquecer a minha prática pedagógica.

Por isso, o professor tem um papel fundamental no que se refere ao direcionamento das atividades em sala de aula intervindo no momento em que achar mais propício. Está aí, portanto, a importância da formação continuada do professor e uma da proposta oferecida pelo PNAIC (Programa nacional pela Alfabetização na Idade Certa para trabalhar o letramento em sala de aula, dentre as suas funções está a de escolher materiais de leitura para os alunos e esta se constitui em uma das tarefas mais complexas.

Visto que, são nestas escolhas que são postas em jogo os diversificados entendimentos que tem cada educador a respeito da aprendizagem, o desenvolvimento da leitura, o entendimento, as colocações dos textos e a natureza do discurso. Além de tudo isso, é colocada em xeque a concepção que cada professor tem não somente da ampliação cognitiva e sócio-afetiva dos elementos a quem vão apontados os materiais, mas também da afinidade das leituras dos próprios alunos. O educador também faz sua intervenção de forma significativa, pois tem ciência do valor que ele próprio atribui aos materiais enquanto recursos pedagógicos.

A partir da formação continuada há uma tomada de consciência por parte do educador no que diz respeito a sua posição política, escolhendo conteúdos relevantes a uma ação também relevante, deixando o seu papel pedagógico tradicional de simples transmissor de conhecimentos e, também de simples repetidor de atividades do livro didático e estará modificando o ensino da leitura e da escrita. Um professor como socializador, inicia seu trabalho a partir da observação da realidade para posteriormente indicar respostas à frente e dessa forma estará colaborando para a formação de indivíduos críticos e participativos na vida social.

É dessa maneira que uma prática relevante estar sujeita ao interesse do educador em esquematizar as suas aulas com nexos, apontando para a construção do saber com os educandos.

Nesse sentido, faz-se necessário destacar que letrar não é somente o papel do professor de Língua Portuguesa. Porém, em todas as áreas do saber, em todas as disciplinas escolares, os educandos podem aprender por meio de práticas de leitura e de escrita: em Ciências, em Matemática, em Biologia, dentre outras, o educando aprendem lendo, interpretando e escrevendo. O ato de letrar é missão de todos os educadores, até porque, em todas as áreas do saber, a escrita e a leitura têm características, que só os educadores que dela fazem uso reconhecem e dominam.

Enfim, na contemporaneidade, o domínio do saber se constitui em uma das bases para se conseguir chances de trabalho e renda. Dessa maneira, é função dos professores, terem a responsabilidade de contribuir com seus alunos para que estes se interessem pela leitura e pela escrita.

Dessa forma concluo que o caminho percorrido até o presente momento da minha trajetória de vida, tem sido muito enriquecedor para o meu fazer pedagógico, minha formação no magistério, as experiências educacionais, o ingresso na universidade e a prática docente na perspectiva do PNAIC, me fizeram ser uma professora que vê educação como meio de libertação para uma sociedade mais igualitária consciente de seus direitos e deveres.

Trabalhar na Coordenação do PNAIC somou-se a uma experiência exitosa, onde me fez deslumbrar novas perspectivas de educação, de formação continuada e de método, ao mesmo tempo em que me possibilitou a coordenação de grupos de professores em que pude ajudá-los na medida das possibilidades a avançarem em suas práticas pedagógicas, percebendo então o quanto que a figura de um coordenador é de suma importância para o trabalho coletivo na escola.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil. 3. Ed.

– São Paulo: Moderna, 2006.

BALDAN, Merilin. ARCE. Alessandra. A representação da pedagogia tradicional e da escola nova segundo a propaganda e a produção teórica dos personagens do movimento renovador brasileiro - um estudo da coleção “escola nova brasileira” de José Scaramelli (1931) < Disponível em:

http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/p3zX2YD.pdf> acesso em 31 ago 2019

BECKER, Fernando. O que é Construtivismo? Série Idéias, n. 20. São Paulo: FDE, 1994. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p087-093_c.pdf. Acesso em 31 ago 2019.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo da alfabetização. Brasília: MEC/SEB, 2015.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. ROSA, Ester Calland de Sousa. Ler e Escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas. – 2-ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FALCÃO FILHO, José Leão M. Supervisão: Uma análise crítica das críticas. Coletânea vida na escola: os caminhos e o saber coletivo. Belo Horizonte, p 42-49, mai/94.

FORGIARINI Solange Aparecida Bianchini. SILVA. João Carlos. Fracasso Escolar No Contexto Da Escola Pública: Entre Mitos E Realidades <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/369-4.pdf>

GANDIN, D. Planejamento como prática educativa. São Paulo, Loyola, 1983. SÃO PAULO (ESTADO) Secretaria da Educação. Planejamento de ensino. São Paulo, Coordenadoria de Ensino Básico e Normal 1983.

GHIRALDELLI JR. Paulo

h <http://www.miniweb.com.br/educadores/artigos/pdf/introdu-edu-bra.pdf> Introdução à Educação Escolar Brasileira: História, Política e Filosofia da Educação

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo – Ed.: Cortez, 1994._____.

OLIVEIRA, João Ferreira. TOSCHI, Mirza Seabra. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. – 10. Ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

NOVOA, António. Os Professores na Virada do Milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, nº1, p. 11-20, janeiro a junho de 2011.

ORSOLON, Luzia Angelina Marino. O coordenador/ formador como um dos agentes de transformação da / na escola. IN: O coordenador pedagógico e o espaço de mudança. São Paulo: Loyola, 2002.

SANTOS, Júlio Cesar Furtado dos. **Aprendizagem Significativa: modalidade de aprendizagem e o papel do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2008.p.96)

RIBEIRO, V. M. A. A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico. **Educação e Sociedade**, 68, 184-201. – 1999.

RIBEIRO, Lourdes Eustáquio Pinto. Para casa ou para sala?. – São Paulo: Didática Paulista, 1999.RUSSO, Maria de Fatima. Alfabetização: um processo em construção. –

6. Ed. – São Paulo: Saraiva, 2012.

SANTOS, Júlio César Furtado dos. Aprendizagem Significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor. – Porto Alegre: Mediação, 2008.

SAMPAIO, Carmen Sanches. Alfabetização e Formação de Professores: aprendi a ler (...) quando misturei todas aquelas letras ali (...). – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21 – ed. – São Paulo: Cortez, 2007.

_____. BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Alfabetização e Letramento. – Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFGM, 2005.